

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CHRISTIAN LOPES PEIXOTO

DRE: 117216914

EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

Uma apresentação do conceito

RIO DE JANEIRO – RJ

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CHRISTIAN LOPES PEIXOTO

DRE: 117216914

EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

Uma apresentação do conceito

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito para o recebimento da Licenciatura em
Filosofia

Orientador: Fernando Augusto da Rocha
Rodrigues

RIO DE JANEIRO – RJ

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CHRISTIAN LOPES PEIXOTO

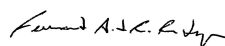
DRE: 117216914

EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

Uma apresentação do conceito

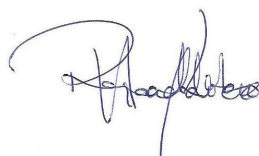
BANCA EXAMINADORA

nota 10,0 (dez)



Prof. Dr. Fernando A. da R. Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro



nota 10,0 (dez)

Prof. Dr. Rafael Haddock Lobo

Universidade Federal do Rio de Janeiro



nota: 9,0 (nove)

Profa. Dra. Susana de Castro Amaral Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este texto tem como objetivo apresentar e propor uma reflexão crítica sobre a “Eudaimonia”, um conceito que Aristóteles apresenta e desenvolve em seu livro *Ética a Nicômaco*, e que diz respeito àquilo que hoje denominamos “felicidade”. Também é objetivo deste trabalho construir uma reflexão sobre como devemos agir para nos aproximarmos de uma vida feliz, o que evitar para não nos afastarmos da felicidade, e de quais formas podemos garantir que outras pessoas, no presente e no futuro, tenham também seu caminho até ela facilitado.

Palavras-chave: felicidade; sociedade; educação; ética

ABSTRACT: This text aims to introduce and propose a critical reflection about “Eudaimonia”, a concept that Aristotle shows and develops in the book *Nicomachean Ethics*, about the thing that we nowadays call “happiness”. This work also aims to build a reflection about how we should act to get closer to a happy life, what we should avoid to not get far from happiness, and how we can guarantee that different people, in present and future, have an easier way to find happiness.

Palavras-chave: happiness; society; education; ethics

Sumário

1) INTRODUÇÃO	6
2) ANÁLISE DE TEXTO: LIVRO I DA <i>ÉTICA A NICÔMACO</i>	7
3) ANÁLISE DE TEXTO: LIVRO X DA <i>ÉTICA A NICÔMACO</i>	17
4) CONSIDERAÇÕES GERAIS	31
5) CONTRIBUIÇÕES DAS INVESTIGAÇÕES ACIMA PARA O PROCESSO EDUCACIONAL	33
6) BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS	37

1) INTRODUÇÃO

Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco* reflete sobre diversos assuntos que fazem parte da vida humana.

Dentre estes sempre são importantes as ações humanas, pois compreende-se que elas, dependendo de como ou por que são realizadas, contribuem ou dificultam na caminhada do agente em direção a um determinado “fim”, o qual o filósofo em diversos momentos aborda.

A respeito disso podemos afirmar que Aristóteles é um pensador que possui pensamento ético baseado em teleologia, pois ele defende que todas as coisas que fazemos tendem para um bem: que o fim das coisas é sempre o bem que é próprio delas.

Podemos também dizer que compreender o pensamento de Aristóteles, sobretudo no livro que utilizaremos aqui, que é a *Ética a Nicômaco*, tem a ver com identificar os fins das coisas da maneira como o filósofo considerava correta e, além disso, com agir em relação a cada coisa ou considerando nós mesmos em conformidade com esses fins, para que alcancemos “o bem a que todas as coisas tendem”.

Contudo para isso precisaremos também compreender o que são para o filósofo as “virtudes”, que ele muito valoriza e considera essenciais para que alcancemos nosso próprio fim; e abordaremos, entre outros temas, questões a respeito das características dos seres humanos, da forma como nos organizamos politicamente e de como interagimos em sociedade.

Para isso o trabalho terá por princípio um estudo dos livros I e X da *Ética a Nicômaco*, nos quais Aristóteles apresenta e desenvolve seu conceito de “Eudaimonia”, que é o assunto principal a ser tratado aqui.

Em todas as citações e referências diretas ao texto será utilizada a versão do livro presente na coleção “Os pensadores”, volume II, que teve tradução para o português realizada por Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, diretamente da versão inglesa de W. D. Ross.

2) ANÁLISE DE TEXTO: LIVRO I DA *ÉTICA A NICÔMACO*

No começo do texto Aristóteles expõe as definições mais gerais da sua filosofia ética, e afirma logo no primeiro parágrafo algo crucial: que os fins, quando são distintos das ações, são “por natureza mais excelentes que estas”.

O que interessa ao filósofo é esclarecer que, ainda que as nossas ações tenham fins em si mesmas, como por exemplo a ação de respirar tem como fim oxigenar o corpo, são mais excelentes os fins que estão para além das ações em si, como por exemplo “seguir vivo”, que é um fim buscado pelos seres vivos, e que depende, para muitos deles, dessa oxigenação primeira, além de outras coisas

Dependemos de um conjunto sistematizado de ações para seguir vivos, dentre as quais podemos citar a respiração, a circulação sanguínea, o funcionamento saudável dos nervos e o descanso diário.

Então Aristóteles poderia afirmar que a finalidade de “seguir vivo” é mais excelente que a de oxigenar o corpo, ter a circulação sanguínea, ter um funcionamento saudável dos nervos e descansar diariamente, pois essas ações estão subordinadas àquela primeira.

Desse modo – tendo o filósofo afirmado desde o princípio que os “fins” são sempre mais importantes que aquilo que nos leva até eles – nos surgem algumas questões: existiria um fim realmente, que quando alcançamos paramos de nos direcionar para outros? Ou tudo que fazemos sempre nos leva a um novo fim: e nessa busca seguimos até o dia em que morremos?

Existiria por exemplo um fim que tem como meio estarmos vivos e tudo que fazemos? Estaríamos vivos para alcançar alguma coisa além da nossa simples vivência diária?

Para Aristóteles existe algo que, quando encontramos, encerramos nossa busca por novos fins: isto é o que ele chama de “sumo bem”.

Porém o que é isso?

Podemos pensar em inúmeras coisas que consideramos boas (ou bens), e ainda assim não estar certos de que são um bem maior que todos os outros.

Temos sempre na vida buscas que se sucedem (e Aristóteles diria “fins que se sucedem”), e muitos de nós ainda não viveram o suficiente para dizer: encontrei tudo o que procurava.

Podemos encontrar até mesmo pessoas que muito viveram e até o presente momento dizem não estar totalmente satisfeitas com todos os fins que alcançaram: continuam a procurar novas coisas para suas vidas.

Não podemos determinar se alcançamos ou alcançaremos todos os fins para os quais estamos direcionados, e isso não é determinado pelos modos como nos sentimos.

Então como ter certeza de que encontramos este bem “supremo”, maior que todos os outros, e que cessaria nossa busca?

A reflexão de Aristóteles, entretanto, ainda não é focada em definir este bem. Ela passa a tratar de outro assunto que também é muito importante para sua filosofia e que sempre se relaciona com a ética: a política.

Podemos afirmar filosoficamente que a política sempre estará conectada a qualquer estudo ético que se faça a respeito de uma sociedade, pois ela tem relação com as ações, logo: com os comportamentos dos seres humanos.

Aristóteles considera a política uma “arte mestra”, pois ela determina, em linhas gerais, como se viverá em cada lugar (ou em cada cidade-Estado se nos referimos à política da Grécia antiga).

Podemos dizer que por influência daquilo que a política determina as pessoas se dedicam a viver de um modo ou de outro, conforme alguns costumes ou outros, seguindo ou ignorando aquilo que lhes dizem os mais velhos e os legisladores do seu tempo.

Por isso é certo – como dito anteriormente – que a política, em qualquer sociedade, terá uma relação próxima com a ética, pois ela tem um peso sobre as nossas ações e comportamentos, tanto individuais como sociais.

Desse modo podemos afirmar ser inegável que a política tem também uma relação com o “bem humano”, assim como diz Aristóteles, pois ela influencia –

e às vezes até mesmo determina – como vivemos, o que fazemos e como nos relacionamos.

E Aristóteles também tratou disso, definindo o homem como um “animal político”.

Pensemos por exemplo na vida de um professor de Filosofia que faz parte de um Estado em que o ensino da Filosofia se torna ilegal: sua vida seria muito mais difícil por causa dessa lei de proibição, e para ele uma solução para o problema seria: ou pleitear mudanças na lei, através de uma iniciativa política, ou mudar-se: de país ou de profissão.

Mas e se o professor de Filosofia tem seu bem-estar garantido por causa dessa profissão? E se toda estrutura que serve de base para a vida dele possui dependência desse emprego como professor de Filosofia?

Tendemos a acreditar que a vida desse professor piorará, pois uma lei desse tipo diminuirá o “bem” presente nela: o professor agora terá que se adaptar a uma nova realidade em que as suas habilidades, que até pouco tempo lhe garantiam bem-estar, não são mais necessárias para a sociedade que ele faz parte.

Precisamos então estar atentos às necessidades das pessoas com vistas a que atinjam a boa vida, e em como a política que se pratica onde vivemos pode contribuir (ou não) para que alcancemos essa boa vida.

Ainda assim, podemos dizer que uma coisa é certa: todos temos necessidades próprias de seres humanos, assim como temos habilidades; e a respeito dessas últimas Aristóteles discorrerá profundamente assim que começar a expor seus pensamentos sobre a “virtude”.

Podemos adiantar que para Aristóteles somos bons a respeito das coisas que conhecemos, ou seja: se fomos instruídos em nossa vida a respeito de assuntos sociais, seremos bons juízes a respeito deles: assim como é bom juiz a respeito de ensinar Filosofia o professor dessa disciplina, que durante muitos anos se dedicou, e ainda se dedica, ao estudo dela.

Entretanto se tratamos de política – que podemos reafirmar estar sempre relacionada aos comportamentos dos seres humanos, e que por isso influencia nas éticas praticadas – estamos sempre debatendo as ações daqueles que participam

da sociedade, porque ela determina quais ações devem ser realizadas e quais devem ser proibidas, quais são justas e quais são ilegais.

Portanto cabe questionar: a quem cabe julgar as ações que cada um pratica ou deve ter o direito de praticar? Quem deve ser considerado apto a governar e deliberar politicamente sobre os direitos dos outros?

Aristóteles chega a citar a necessidade de experiência de vida para compreender tal coisa, e diz que por isso a política não caberia aos mais jovens que “não têm experiência dos fatos da vida”.

E ao afirmar isso faz com que nos perguntemos se fazer política para ele só era adequado aos mais velhos. Se para ele os jovens não deviam ter voz nas ágoras da antiguidade, e talvez também nas então “ágoras futuras”, que compreendem também as de hoje.

Na prática o que vemos nos dias de hoje é bem diferente: a política se torna cada vez menos “coisa de velho”, tendo sempre mais jovens (e também mulheres, que Aristóteles sequer cita), entre seus participantes.

Podemos dizer que a política segue sendo uma “arte de administrar a pólis”, e que seus praticantes variam conforme o tempo passa.

Mas esse assunto é para outro texto, precisamos retornar à “Eudaimonia”.

E Aristóteles enfim cita, a respeito disso, a “felicidade” como algo que se relaciona à política e que depende da nossa busca pelo bem, ou pelos bons fins. Além disso, como já dito: uma vez que a política interfere nas nossas práticas, também ela interfere na nossa busca pelo bem, ou pela felicidade para nossas próprias vidas e das outras pessoas.

Aristóteles associa “o bem viver e o bem agir com (sic) o ser feliz”, porém “bem viver” e “bem agir”, assim como “ser feliz” são coisas que muito diferem conforme aquele que as define.

O que nos resta então é buscar compreender o que, para o filósofo, significam tais expressões, e a partir disso seguir em nosso estudo.

O filósofo afirma ainda que muitos associam a felicidade ao prazer, e a respeito disso podemos lembrar dos hedonistas da Grécia antiga, que têm muitos

“herdeiros éticos” ainda pelo mundo; outros associam a felicidade às riquezas, como muito vemos ainda hoje em dia, sobretudo entre os que partilham de “ideologias capitalistas”, com a mente sempre em negócios e obtenção de lucro; e ainda há outros que associam a felicidade à honra, o que acredito ser cada vez menos comum.

Aristóteles é muito crítico a respeito dos que dedicam a vida a buscar prazer e diz que, apesar destes serem a maioria, são sempre vulgares. Além disso, ele afirma que há “três tipos principais de vida”: essa de busca pelo prazer, aquela voltada para a política e a vida contemplativa.

A respeito da vida política podemos dizer que sua finalidade é a honra, porém Aristóteles não elege esta como a vida mais valiosa, uma vez que para ele a honra “depende mais de quem a confere que de quem a recebe”, e também afirma que os seres humanos buscam a honra para provar para si mesmos que são bons, o que faz da honra uma atribuição, e não algo próprio de quem a conquista.

Aristóteles procura definir uma vida em que encontremos um bem que não nos possa ser tirado (como no caso da honra), que nos seja próprio, e, pelo menos por enquanto, evita tratar diretamente da vida contemplativa.

Para tratar dessa vida é importante antes tratar da definição aristotélica de “bem”, que difere da definição platônica, já que Aristóteles era um crítico do “Mundo das ideias” e não acreditava numa “Ideia superior de bem”, da qual todas as coisas boas que conhecemos seriam derivadas.

Para Aristóteles o bem não pode ser algo único porque se assim fosse ele “não poderia ser predicado em todas as categorias”: existem boas casas, bons professores, boas sobremesas, bons argumentos, etc...

Ou seja: ele discorda da existência de um “bem” separado a qual todos esses bens que conhecemos se refiram, pois mesmo a respeito desses bens pode haver variações conforme a predicação: podemos dizer numa sala de aula que “este é um bom professor de Filosofia”, enquanto outro diga, num auditório e a respeito desse mesmo professor, que ele é um “bom orador”, e um terceiro, ao ler um texto desse professor, que ele é “bom escritor”, etc.

O bem em uma forma superior e eterna é algo que Aristóteles considera inalcançável: para ele há “bens” que identificamos e alcançamos nesse mundo e não um bem ideal que sirva de modelo para os bens daqui.

A respeito disso podemos citar um trecho presente no livro I, página 12, da versão da *Ética a Nicômaco* previamente citada:

Ou não haverá nada de bom em si mesmo senão a Ideia do bem? Nesse caso, a Forma se esvaziará de todo sentido. Mas, se as coisas que indicamos também são boas em si mesmas, o conceito do bem terá de ser idêntico em todas elas, assim como o da brancura é idêntico na neve e no alvaiade. Mas quanto à honra, à sabedoria e ao prazer, no que se refere à sua bondade, os conceitos são diversos e distintos. O bem, por conseguinte, não é uma espécie de elemento comum que corresponda a uma só Ideia.

Partindo disso Aristóteles divide os bens que considera “atingíveis” e “realizáveis” neste mundo em: bens e si mesmos e bens que nos levem até os primeiros, sendo estes como que úteis ou “subsidiários” àqueles.

E não podemos nos esquecer que, para Aristóteles, através das ações que realizamos em quaisquer áreas das nossas vidas buscamos sempre os bens próprios a elas.

Por isso o bem nos aparece novamente como finalidade (como Aristóteles já havia dito a princípio), porém, pode-se contra-argumentar que pode haver mais de uma finalidade para nossas ações: como então estarmos certos de que nos direcionamos para a finalidade superior de cada ação que realizamos, como estar certos de que agimos da melhor maneira?

Como ter certeza de que nos direcionamos, através das nossas ações, para a melhor finalidade alcançável, para o “sumo bem”?

Aristóteles é categórico a respeito disso, e defende que o “sumo bem” é algo que buscamos em si mesmo, portanto jamais pode ser algo subsidiário; e, além disso, ele faz das nossas ações caminhos para si: agimos e buscamos coisas para um dia alcançar esse sumo bem, que acabaria com qualquer carência em nossas vidas.

No segundo parágrafo da página 14 podemos ler a respeito disso:

Ora, nós chamamos aquilo que merece ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado com vistas em outra coisa, e aquilo que nunca é desejável no interesse de outra coisa mais absoluto do que as coisas desejáveis tanto em si mesmas como no interesse de uma terceira; por isso chamamos de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa.

Daí que Aristóteles afirma ser a “felicidade”, ou “Eudaimonia”, esse fim que buscamos em si mesmo e jamais com vistas em alcançar outras coisas.

E afirma também que ela difere da honra, do prazer, da razão e de todas as virtudes, porque estas coisas – apesar de serem boas em si mesmas – não são buscadas por nós como finalidades, mas sim como meios para outras coisas, dentre as quais a própria felicidade.

Além disso, a felicidade seria “autossuficiente” para Aristóteles: ao conquistarmos um estado de vida em que a alcancemos, dependeríamos de mais nada e, obviamente, não teríamos mais fins a buscar.

Portanto cabe buscarmos, através das nossas ações, alcançar a felicidade. Porém, de que modo podemos facilitar esse encontro do “sumo bem” como definido por Aristóteles?

O filósofo defende que o ser humano possui uma função própria, e que agir conforme ela contribui para que alcancemos a “Eudaimonia”.

Para ele o que nos difere dos outros seres vivos é a nossa função racional: somos seres ativos que possuem um “princípio racional” que nos permite agir com excelência (isto é: se esse princípio funciona bem e o seu dono não é impedido de utilizá-lo, por exemplo por causa de vícios que o atrapalhem ao raciocinar e definir quais são as melhores coisas para si).

A respeito disso Aristóteles nos dá uma nova definição que muito contribui para compreendermos o seu conceito de “Eudaimonia”. Ele diz, na página 16 da *Ética a Nicômaco*, que “o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa”.

Ou seja: além de valorizarmos e sempre desempenharmos a nossa função racional, é importante que ajamos em consonância com a nossa virtude “melhor e mais completa” para que o nosso caminho até o encontro da “Eudaimonia” seja facilitado.

Portanto é importante que descubramos quais são nossas virtudes e, dentre elas, qual a maior, para que ajamos conforme ela e tenhamos com isso maiores chances de ter uma boa vida, uma vida feliz.

E não podemos esquecer que para Aristóteles é muito importante afirmar que, para que sejamos felizes, precisamos agir, porque para ele as boas ações, que possuem virtude, contribuem para isso.

Podemos ler um trecho a respeito disso no penúltimo parágrafo da página 18:

Mas há, talvez, uma diferença não pequena em colocarmos o sumo bem na posse ou no uso, no estado de ânimo ou no ato. Porque pode existir o estado de ânimo sem produzir nenhum bom resultado, como no homem que dorme ou que permanece inativo; mas a atividade virtuosa, não: essa deve necessariamente agir, e agir bem. E, assim como nos Jogos Olímpicos não são os mais belos e os mais fortes que conquistam a coroa, mas os que competem (pois é dentre estes que hão de surgir os vencedores), também as coisas nobres e boas da vida só são alcançadas pelos que agem retamente.

Aristóteles trata a seguir de algumas questões que podem dificultar nossa caminhada em direção à Eudaimonia.

Por exemplo, ele cita a falta de “bens exteriores”, de riqueza, de amigos e de poder político, e as dificuldades que podem ser geradas pela falta de beleza, ou de uma boa família e de bons filhos.

É claro que tudo isso interfere na configuração de uma vida, e simplificar o texto a fim de produzir uma “fórmula da felicidade” como dizendo: “aja racionalmente e conforme sua maior virtude que será feliz!” é tolice.

Sobretudo em momentos de crise, como o que acontece no mundo desde o início da pandemia, podemos constatar que ser feliz depende não somente de nós mesmos, ou de como nos adequamos à sociedade e seus costumes e leis.

Dependemos primeiro de garantir para nós as coisas mais básicas da vida, que podem também ser consideradas subsidiárias à felicidade, e que, infelizmente, até hoje ainda faltam para muitos, como: moradia estável, alimentação saudável e sempre disponível, acesso à educação de qualidade, segurança dentro e fora de casa, etc.

Além disso também é muito importante possuir uma fonte de renda, porque o dinheiro pode controlar (ou descontrolar) as nossas vidas, nos colocando em rotinas de trabalho insalubres, tirando nossa tranquilidade para viver; assim como dependemos de lazer e acesso a ambientes em que possamos descontrair o estresse cotidiano, que para muitos tornou-se ainda mais intenso nos últimos tempos.

Portanto, para ser feliz também contribui ter uma vida segura e saudável, entre pessoas boas e confiáveis, em que tenhamos conforto para desenvolver nossas virtudes de forma contínua.

E também pode contribuir, além de tudo isso, a formação que recebemos dos outros, porque no início das nossas vidas é normal que dependamos dos outros para descobrirmos quais são as nossas primeiras virtudes, que sempre podemos estar desenvolvendo.

Quando ainda somos crianças ou jovens, é muito comum que ainda não tenhamos certeza de quais são as nossas virtudes, e por isso precisamos seguir buscando autoconhecimento através dos estudos que realizamos, e das nossas práticas do dia a dia.

Devemos questionar, entretanto, se existe algum meio de se ter certeza de que alcançamos a felicidade porque, assim como migramos de um estado não-feliz para um feliz, devemos também poder regredir depois de estarmos felizes – como no caso de nos acometer um mal para a saúde, ou algum mal acontecer com nossos familiares – para um estado em que não estávamos.

E Aristóteles questiona a respeito disso se só podemos considerar feliz alguém depois que este já tenha encerrado sua vida, pois aí seríamos capazes de julgar todos os acontecimentos por que essa pessoa tenha passado; ou também, se

podemos considerar feliz alguém que já morreu, uma vez que nesse caso (pelo menos em teoria) não haveria mais males para fazer esse alguém sofrer.

É um pouco estranho o que vem a seguir no texto, porque o tema da espiritualidade ainda hoje é um assunto “tabu”, e ainda é incerto para nós o que acontece depois que os seres humanos morrem: se há uma existência póstuma onde continuamos a possuir inteligência, ou se tudo que há para os humanos é a vida material.

Aristóteles parece crer que há uma continuidade, que mesmo após a morte a "eudaimonia" da pessoa pode ser alterada, porque defende que os males que podem ocorrer sobre os descendentes de um morto que tenha tido uma vida feliz e digna podem produzir um efeito ruim sobre a felicidade desse ancestral.

Ou seja: por sermos seres relacionais, estamos também sujeitos aos desdobramentos disso na nossa busca pela “eudaimonia”, e podemos nos aproximar ou afastar dela conforme acontecem coisas conosco e com as pessoas com que convivemos.

E por isso ainda um morto poderia (em teoria) ser privado da felicidade que conquistou na sua vida neste mundo, por influência de acontecimentos ruins que viessem a acometer seus descendentes, ou mesmo outras pessoas próximas desse morto, como os amigos que ele possuiu enquanto estava vivo.

Ainda assim, uma das poucas certezas que temos é a de que seguimos buscando a felicidade, mesmo que sempre correndo também o risco de passar por novos momentos ruins na vida.

Podemos inclusive passar a vida numa constante variação em nossos sentimentos, ainda que para Aristóteles a felicidade não seja um estado mental; mas, conforme o filósofo, se seguirmos agindo virtuosamente, estaremos sempre (pelo menos) tendendo a estar felizes, ou seja, tendendo a ter uma “boa vida”.

E Aristóteles chega mesmo a afirmar que, uma vez que nos tornemos felizes, não podemos nos tornar depois disso “desgraçados”, como se a felicidade tivesse necessariamente uma característica “duradoura”.

Lemos sobre isso no final da página 23:

Se as atividades são, como dissemos, o que dá caráter à vida, nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porquanto jamais praticará atos odiosos e vis. Com efeito, o homem verdadeiramente bom e sábio suporta com dignidade, pensamos nós, todas as contingências da vida, e sempre tira o maior proveito das circunstâncias, como um general que faz o melhor uso possível do exército sob o seu comando ou um bom sapateiro faz os melhores calçados com o couro que lhe dão; e do mesmo modo com todos os outros artifícios.

Contudo não é fácil crer que a felicidade é uma coisa que depois que possuir você jamais perderá, como a habilidade de andar de bicicleta ou nadar. Muitos de nós tendem mais a crer na “hipótese camaleônica”: que estamos sempre correndo o risco de vivenciá-la e perdê-la, ou mesmo de jamais alcançá-la plenamente, e isso também pode resultar em coisas boas, como fazer com que conscientemente valorizemos mais os momentos em que estejamos felizes, sábios de que eles podem não durar para sempre.

É importante seguir agindo racionalmente e em conformidade com a nossa virtude maior; e também seguir desenvolvendo, com o passar do tempo, um melhor conhecimento de si mesmo e das suas próprias qualidades e defeitos, para poder encontrar os melhores hábitos humanos, pois, conforme Aristóteles: aos hábitos dignos de louvor chamamos virtudes.

3) ANÁLISE DE TEXTO: LIVRO X DA ÉTICA A NICÔMACO

O “prazer” é o assunto central deste livro, e Aristóteles inicia seu texto tratando da forma como damos e retiramos prazeres dos mais jovens ao educá-los, e de como isso é balanceado com a “dor”, que também pode sempre estar presente na vida.

Será que somos capazes de listar objetivamente as coisas que sempre deveriam ser consideradas apazíveis ou dolorosas para aquele que sente, definindo a “sensibilidade ideal” de um ser humano virtuoso? E será que isso tem uma relação com a ética que desenvolverá aquele que está a ser educado? Será que a forma

como administramos o prazer e a dor presentes em cada vida contribui para uma melhor formação dos seres humanos?

Porque é certo que o prazer contribui para o bem-estar do ser humano, mas também que pode levá-lo à ruína, sobretudo se tratamos dos prazeres que tem origem nos vícios, que podem fazer adoecer ou morrer quem deles desfruta.

E também é certo que as dores causam mal-estar, mas muitas contribuem para o amadurecimento e para que conheçamos melhor a nós mesmos e as pessoas que vivem conosco.

Assim, a relação de tais coisas com a virtude (e com a Eudaimonia) é interessante para nossa investigação, porque muito comumente fazemos questionamentos do tipo: “as pessoas que vivem uma vida de muitos prazeres são necessariamente mais felizes?” ou “os religiosos, que vivem sob privações e com prazeres limitados, estão mais distantes ou mais próximos da felicidade?”.

Aristóteles em sua reflexão cita um outro filósofo chamado Eudoxo, que, de forma simplificada, dizia que todos os seres vivos estavam sempre procurando o prazer e tentando evitar a dor, e que, por isso, o prazer devia ser o maior dos bens, ou simplesmente o “bem”.

Entretanto, não é certo se o prazer para Eudoxo é uma finalidade como é a felicidade para Aristóteles, ou se aquele associava a felicidade a um modo de viver em que haja prazer contínuo sem qualquer experiência de dor.

Mas será que nos basta o prazer? Estaríamos totalmente satisfeitos se a nossa vida tivesse prazer do início ao fim? Não nos faltaria nada?

Aristóteles afirma que Platão considera uma vida aprazível mais desejável se ela é acompanhada de sabedoria, e que, uma vez que a vida que une prazer e sabedoria é melhor do que a vida que só possui prazer, o prazer não pode ser o “bem” de fato porque, assim como o que Aristóteles afirmou a respeito da felicidade, “o bem não pode tornar-se mais desejável pela adição do que quer que seja” (podemos ler isso na página 221).

Portanto seguimos a questionar, agora no livro X, se há algo que todos estamos buscando e que, ao encontrar, nos satisfaria totalmente, fazendo que deixássemos de buscar quaisquer outras coisas.

A felicidade, ou Eudaimonia, é o que Aristóteles afirmou no livro I estar no fim da nossa busca, mas nesse caminho, que nunca é pré-determinado, que pode ser diferente para cada ser humano, podemos questionar: o prazer, ainda que nos faça bem, é sempre um bem entre outros?

E a dor, nunca tem um lado bom? Que nos torne melhor em algum sentido, ou nos aproxime da felicidade, mesmo que indiretamente? Por exemplo, a dor de passar por um procedimento médico que nos livrará de um mal para a saúde, não é uma dor que tem uma finalidade boa?

Certamente aquilo que um prazer ou uma dor vai causar numa pessoa depende da intensidade e da finalidade que terão esse prazer e essa dor, e, como todos temos sensibilidades próprias, temos também limites próprios e quantidades ideais de sensações para o nosso corpo.

Assim, creio que podemos – assumindo que o prazer e a dor são sempre partes das vidas humanas – afirmar que existe uma necessidade de que encontremos um equilíbrio (Aristóteles diria o meio-termo) entre as duas coisas.

Por exemplo: no caso de uma pessoa que passa pela dor causada pela fome, como é comum entre as pessoas que estão em extrema pobreza, é necessário que levem o alimento até ela, para que essa dor deixe de existir, pondo-se um prazer em seu lugar.

Entretanto, se esse alimento for demasiado, e por longo período, ele pode também fazer mal àquela pessoa que antes tanto precisava. Pode por exemplo fazer com que ela adoça e engorde, assim como ocorre com muitas crianças que cedo se viciam em doces e tornam-se obesas.

No caso dessas crianças, por outro lado, o excesso de prazer é o problema, e a solução surge em oposição ao ocorrido pela falta de alimento das pessoas do primeiro exemplo: deve-se retirar o alimento que causou o vício (os doces), e equilibrar esse acúmulo de prazer da criança com alimentos saudáveis e menos gordurosos, o que obviamente será “doloroso”.

Entretanto Aristóteles questiona na página 223, para além desses casos, como devemos explicar os prazeres que sentimos sem que exista uma “carência” dos nossos sentidos, ou uma dor que precisemos combater através deles, como os

prazeres “do aprender, do olfato, de muitos sons e sensações visuais, além das recordações e esperanças”.

Isso levanta a hipótese de que os prazeres podem existir não somente para contrabalancear a dor: que eles podem também ser independentes da dor.

Daí que talvez os prazeres possam, uma vez que a sensibilidade é diferente para cada ser humano, variar conforme a natureza de cada ser humano, ainda que alguns sejam compartilhados por todos: como o prazer de se alimentar ao estar faminto, o de se curar de uma doença, o de ter uma boa família, etc.

Assim como poderão ser diferentes os prazeres de que desfruta o ser humano saudável e o insalubre, o justo e o criminoso, o artista e o professor, etc.

Além disso Aristóteles cita algumas coisas que são importantes para nós como “a vista, a memória, a ciência e a posse das virtudes” e que, apesar de nos ajudarem a ter uma boa vida e contribuírem para que caminhemos em direção à felicidade, nem sempre nos proporcionam prazeres.

Portanto para o filósofo os prazeres não são a coisa mais importante para que sejamos felizes, mas eles podem contribuir para que nos aproximemos da felicidade, a qual pode depender também de outras coisas que nem sempre nos proporcionam prazeres.

E Aristóteles também diz que o prazer sempre é uma coisa completa, “um todo” que não depende de prolongamentos, e que isso o faz diferir do movimento, que pode ser dividido em partes.

Para ele o prazer é como a sensação visual, que não depende de outras coisas para completar sua forma: todas as imagens surgem para ela de forma completa, a cada vez que a utilizamos.

Por isso, reafirmando a diferença do prazer com o movimento, cabe-nos reparar em como o segundo sempre demanda etapas: o movimento de escrever um texto, por exemplo, exige muitas coisas até sua conclusão: as leituras prévias, a primeira escrita, a revisão, correções, etc.

E também os nossos movimentos físicos, ou de outros seres vivos, como caminhar, que requer equilíbrio, esforço e direcionamento do corpo, ou nadar, que

exige muita coordenação entre a respiração e as ações dos braços e das pernas, etc.

Aristóteles diz isso porque para ele só possuem geração e movimento as coisas que são divididas em partes, e para ele, como dito acima, o prazer não é uma delas: o prazer é algo que existe quando os sentidos vão de encontro com seus objetos, sobretudo se os órgãos que geram esses sentidos e os seus objetos estão em condições mais próximas da perfeição.

Portanto o prazer também tem a ver com o quão saudáveis são os órgãos que nos permitem possuir sentidos, e o quão perfeitos são os objetos com que esses sentidos se relacionarão.

Podemos ler sobre isso na página 226, em que Aristóteles também trata da forma como o prazer, para ele, “completa” a atividade:

Já que cada sentido é ativo em relação ao seu objeto, e um sentido em condições de higidez age de maneira perfeita em relação aos mais belos dentre os seus objetos (pois o ideal da atividade perfeita parece ser desta natureza, e tanto faz dizer que ela própria é ativa como o órgão em que reside), segue-se que, no tocante a cada sentido, a melhor atividade é a do órgão em melhores condições com relação aos mais belos de seus objetos.

E essa atividade será a mais completa e a mais aprazível, porque, existindo embora prazer para cada sentido, e não menos para o pensamento e a contemplação, o mais completo é o mais aprazível, e o de um órgão em boas condições com relação aos mais nobres de seus objetos é o mais completo; e o prazer completa a atividade.

Aristóteles afirma que o prazer completa a atividade porque – ainda que possamos realizar boas atividades sem possuir prazer, ou, caso hajamos mal, encontrar prazeres em atividades que não são boas – nas atividades em que nossos sentidos, em condição saudável, estão direcionados para objetos que têm qualidade também boa, haverá uma convergência entre as duas coisas pois, como podemos ler na página 227: quando o fator ativo e o passivo se mantêm inalterados e guardam a mesma relação um para com o outro (uma relação boa, próxima da perfeição), o mesmo resultado (prazer) segue-se naturalmente.

Portanto podemos questionar: se sempre mantivermos nossos órgãos saudáveis e seguirmos sendo estimulados somente por sensações boas, podemos afirmar que teremos uma vida inteira de prazer?

Para Aristóteles isso não é certo, porque para ele os seres humanos não são capazes de seguir sempre realizando as mesmas atividades: elas podem ser fascinantes num primeiro momento, quando ainda temos o “deleite inicial” de praticá-las, e cansativas em outro, quando perdemos esse deleite ou o desejo de seguir nos desenvolvendo nelas.

Por isso o que é bom em um momento, conforme a sensibilidade daquele que age, pode em outro momento ser diferente: tedioso, pouco estimulante, cansativo; e isso faria com que constantemente variássemos os nossos “objetos de prazer”: em um momento podemos ter prazer agindo de um modo, em outro agindo de uma forma parecida, e em um terceiro momento agindo de uma forma muito diferente.

Entretanto é certo que, conforme a personalidade e a sensibilidade de cada um, há preferências por alguns tipos de atividades e, devido a isso, alguns buscarão mais os prazeres que surgem da audição, como espera-se dos músicos, enquanto outros buscarão mais os prazeres que surgem do tato, ou da visão, etc: e tudo isso poderá influenciar na vida que cada um escolherá para si, porque é certo que em cada vida humana haverá busca por prazer.

E nessa busca coisas serão encontradas porque os prazeres são muito diversos e, como já dito, algumas coisas, ainda que num primeiro momento não pareçam interessantes, podem se tornar atraentes conforme acumulamos experiência de vida.

Além disso Aristóteles é preciso quando afirma que “cada atividade é intensificada pelo prazer que lhe é próprio”, porque não é segredo para ninguém que quando agimos nas atividades em que encontramos prazer agimos com mais boa vontade e empenho que em atividades que realizamos por “obrigação” ou “necessidade”.

Por exemplo: como filósofos buscamos sempre encontrar as melhores formas de julgar porque nos é prazeroso chegar ao fim de uma investigação estando

menos distantes da verdade (ainda que dificilmente ou nunca a encontremos de fato); assim como para quem gosta de arte é normal que haja prazer em buscar sempre com mais esforço a beleza ou quaisquer ideais estéticos que interessem àquele que está criando algo novo; e assim com cada ser humano em cada área de atuação.

Por isso conforme vivemos vamos “selecionando atividades” em que encontremos prazer, e ao evoluir nelas seguimos as praticando mais e mais; ainda que, como dito por Aristóteles, haja momentos em que elas nos cansem e precisemos encontrar outras coisas para fazer.

Como filósofos nos comprazemos com os argumentos, a lógica, os raciocínios válidos e os juízos coerentes, mas podemos também, quando ficamos cansados da Filosofia, nos comprazer com outras coisas que sejam do nosso gosto: como pode acontecer com a música, com as séries da televisão ou com os jogos de futebol, como é tão comum na cultura de que fazemos parte.

A máxima até aqui, nesse momento do livro X, é que para nos aproximarmos da felicidade precisamos estar sempre realizando atividades em que encontremos prazer.

E Aristóteles diz também que em cada uma dessas atividades sempre poderemos encontrar prazeres únicos, porque cada prazer está relacionado a atividade em si, e, por causa disso, podemos passar boa parte do nosso tempo de vida a desfrutar: basta que estejamos sempre a “investir” nossas ações em atividades que nos agradem, mudando de atividade a cada momento em que essa “agradabilidade” começar a diminuir.

Entretanto eticamente é necessário que questionemos: somos sempre capazes de nos aprazer somente com aquilo que é bom e que nos favorecerá como indivíduos e sociedade, ou sempre corremos o risco de julgar mal, por consequência da ignorância ou de defeitos próprios, e encontrar prazer naquilo que é danoso e vicioso para nós mesmos e a sociedade?

Por exemplo: as crianças, sem os cuidados dos mais experientes e conhecedores, seriam capazes de decidir justamente quais atividades realizar, como investir a energia delas de forma a se formarem bem e viverem melhor?

Ou muitas acabariam por ser viciar em videogames, doces e celulares, e passariam os dias sem estudar e se preparar para o futuro?

Podemos perguntar também se os mais idosos poderiam viver sem os cuidados dos mais jovens, ou se aqueles que possuem problemas de saúde, debilidades crônicas ou necessidades especiais igualmente seriam, numa sociedade diferente da nossa, capazes de possuir total independência dos “saudáveis”, porque as ações daqueles sempre serão dificultadas pelas circunstâncias limitantes que existem nas suas vidas e, para que as vidas deles sejam melhores e mais aprazíveis, é importante que todos estejamos unidos e bem intencionados (principalmente os “saudáveis” ou “bons”).

Além disso, por mais “perfeitos” que sejamos, julgar errado é certamente uma coisa sempre possível para nós, porque sabemos que nenhum de nós sabe tudo que é possível saber, e porque todos podemos ter sido mal instruídos em algum momento da nossa formação ou, pior ainda: se por algum motivo viemos a nos tornar pessoas com intenções ruins (mesmo que não tenhamos consciência disso).

Na página 230 Aristóteles trata um pouco dessas definições de “bom” ou “mau” a respeito dos seres humanos, e afirma a possibilidade de que o “homem bom” sirva de “medida de todas as coisas”:

Mas em todas as coisas, o que parece a um homem bom é considerado como sendo realmente tal. Se isto é correto como se afigura ser, e a virtude e o homem bom como tais são a medida de todas as coisas, serão verdadeiros prazeres os que lhe parecerem tais, e verdadeiramente agradáveis as coisas em que ele se deleitar. Se as coisas que ele acha enfadonhas parecem agradáveis a outros, não há nada de surpreendente nisso, pois os homens podem ser pervertidos e estragados de muitos modos; e tais coisas não são realmente agradáveis, mas só o são para essas pessoas e outras nas mesmas condições.

Isso certamente pode ser definido como controverso para muitos leitores porque o “homem bom” – ainda que seja possuidor de uma saúde melhor e de conhecimentos superiores – não tem a experiência do “homem mau” (me refiro a maldade como morbidez ou alguma debilidade nas suas capacidades humanas), e por isso aquele não é capaz de julgar empaticamente o que norteia as ações do

“homem mau”: o “homem bom” julga sempre a partir da sua própria “experiência boa”.

É necessário dizer que isso não exime o “homem mau” de um juízo depreciativo – até porque isso seria análogo a normalizar o mal, e isso jamais deve ser aceitável – mas as ações dele são também consequências da maldade que lhe é própria desde que ele está no mundo, assim como o “bom juízo” e as “boas atitudes” do “homem bom” poderiam não existir se ele não fosse saudável e bem instruído (muitas vezes desde muito antes de se tornar adulto).

E, uma vez que ainda há pelo mundo muitos “homens maus”, é certo que há algumas coisas a corrigir na humanidade tanto dos indivíduos quanto da sociedade.

Por exemplo: através de uma educação melhor e tratamentos para a saúde mais eficazes poderia ter sido expurgada, ou pelo menos reprimida, essa maldade dos “homens maus” ainda enquanto eles eram crianças, enquanto ainda não tinham alcançado o auge da sua capacidade humana (para o bem ou para o mal) na idade adulta.

Isso com certeza contribuiria para um aumento da felicidade dos membros da sociedade como um todo porque – uma vez que a maldade se tornasse menor – os seres humanos estariam melhor direcionados para o bem: e ter uma boa educação, ter acesso a bons tratamentos para a saúde e ter uma boa criação através das nossas famílias sempre serão coisas que podem contribuir para isso porque a felicidade, como diz Aristóteles, é “o fim da natureza humana”; porém ela não está garantida a todos: para que ela exista nas nossas vidas nós precisamos agir.

Age-se, portanto, para se tornar feliz e, quando se alcança esse fim, nossa vida se torna carente de nada, ou seja: a felicidade é “autossuficiente”.

Portanto sempre pode-se questionar se estamos mesmo felizes ou se apenas estamos vivendo um bom momento nas nossas vidas, ou se pode ser feliz quem já morreu, como já questionamos antes.

Isso esclarece o fato de a felicidade não ser um estado mental para Aristóteles, mas uma finalidade que alcançamos através das nossas ações realizadas dia após dia.

Todas essas reflexões têm valor, mas o que importa realmente é que estejamos sempre a nos aproximar da felicidade, e Aristóteles diz que atos nobres e bons podem contribuir para que sejamos felizes, porque (obviamente) eles são benévolos para nós mesmos e para a sociedade.

Por isso é importante que sempre exerçamos nossas virtudes morais e intelectuais e que preservemos a nossa racionalidade, porque assim continuaremos capazes de identificar o que é nobre e bom, e de seguir praticando atividades virtuosas.

Os atos nobres e bons, entretanto, não são fáceis de identificar por todos, porque, segundo Aristóteles, dependem da percepção do “homem bom”, que serve de “medida de todas as coisas”.

Ou seja, se a nossa percepção for defeituosa podemos também julgar mal: o melhor juízo é o daquele ser humano mais próximo da perfeição, com os melhores órgãos e a melhor formação.

Portanto, há mais que uma atitude relacionada à nossa busca pela felicidade, tanto individual quanto coletiva porque, além de seguirmos praticando ações nobres e boas, precisamos estar seguros de que a sociedade sempre esteja sob o governo de “homens bons”, pois no caso de isso não acontecer podemos estar a experimentar a vida de forma ruim: dependemos desde sempre que os “bons” e “saudáveis” sigam a ocupar posições em que possam favorecer o máximo de pessoas porque só assim atividades virtuosas e nobres (como a ciência, e medicina, a política e outras) seguirão sendo valorizadas e tendo papel crucial na manutenção da felicidade humana, contribuindo para que vivamos melhor e evitando muitos males.

Por isso é certo que a felicidade depende também de trabalho e dedicação e, ainda que sejamos capazes de nos sentirmos bem em nossos momentos de recreação e lazer, é nos momentos em que nos empenhamos em algo

sério e com vistas a beneficiar a nós mesmos e aos outros que contribuímos para a felicidade das pessoas como um todo.

O lazer e a recreação têm seu valor nas vidas humanas porque também são fontes de prazer, porém sabemos que o prazer sozinho é incapaz de nos tornar felizes: portanto o lazer e a recreação são úteis para que recarreguemos nossas energias para voltar a trabalhar com empenho em algo que melhore a sociedade.

Entretanto já que cada atividade pode também, conforme o tempo passa e nos dedicamos a ela, se tornar menos prazerosa (e isso também afeta as atividades mais nobres e superiores como a ciência, a política, o magistério, etc) é importante variar nas atividades que realizamos, e nesta variação as atividades recreativas podem encontrar valor, uma vez que todo ser humano pode se cansar de tanto trabalhar e se dedicar àquilo que beneficiará a si mesmo e à sociedade que ele faz parte.

Aristóteles diz na página 232 que parece certo “divertir-nos a fim de poder esforçar-nos”, porque o “divertimento é uma espécie de relaxação, e necessitamos de relaxação porque não podemos trabalhar constantemente”.

Portanto a recreação e o lazer têm também uma finalidade: nos servir como uma “folga” das atividades em que nos empenhamos para beneficiar a nós mesmos e a sociedade, porque é daí que pode nascer e perdurar a felicidade de todos.

Aristóteles também afirma na página 232 que “uma vida virtuosa exige esforço e não consiste em divertimento”, e que mesmo um escravo (e na sua contemporaneidade muitos havia) é capaz de fruir dos prazeres do corpo e dos divertimentos, mas nem por isso é feliz, porque ser feliz depende, entre outras coisas, de que se pratique atividades virtuosas.

A seguir o texto novamente trata das virtudes, e Aristóteles reafirma que a felicidade para existir deve estar “em concordância com a mais alta virtude”, ou seja: é o que fazemos de melhor que poderá contribuir mais para que sejamos felizes.

Entretanto para Aristóteles a atividade contemplativa tem mais valor que as outras porque (talvez porque ele era filósofo) ele considerava a razão, conforme

podemos ler na página 233, “a melhor coisa que existe em nós, como os objetos da razão são os melhores dentre os objetos cognoscíveis”.

O filósofo e a felicidade que surge da sua atividade é, portanto, mais autossuficiente que a felicidade dos outros seres humanos, porque aquele não depende de terceiros para pôr em prática sua virtude: mesmo sozinho ele é capaz de contemplar a verdade; além de que não busca nada através da sua contemplação, senão ela própria e as verdades que encontra.

Entretanto Aristóteles afirma que essa atividade do filósofo tem em si algo de “divino” e, portanto, ela não é totalmente acessível por nosso pensamento, mas (a respeito daqueles que se aprofundam nela) é necessário que se ocupem ao máximo em realizar feitos que estejam além dos capazes pelos seres humanos do seu tempo, pois esses feitos que estão além da capacidade humana podem contribuir muito para que a vida de todos seja melhor e tenda mais para a felicidade.

Podemos ler sobre isso no segundo parágrafo da página 235:

Se, portanto, a razão é divina em comparação com o homem, a vida conforme à razão é divina em comparação com a vida humana. Mas não devemos seguir os que nos aconselham a ocupar-nos com coisas humanas, visto que somos homens, e com coisas mortais, visto que somos mortais; mas, na medida em que isso for possível, procuremos tornar-nos imortais e envidar todos os esforços para viver de acordo com o que há de melhor em nós; porque, ainda que seja pequeno quanto ao lugar que ocupa, supera a tudo o mais pelo poder e pelo valor.

Mas isso não significa que as vidas que são conforme outras virtudes, diferentes da “filosófica”, não possam ser boas.

Há muitos tipos de virtudes que podem contribuir para que a vida humana seja melhor e se aproxime da felicidade, tanto individual quanto coletivamente.

Por exemplo as virtudes morais, que nos fazem agir retamente e, entre outras coisas, honrar os contratos que assinamos, ou as virtudes que possuem os pais e mães em relação aos seus filhos, que os faz dar o máximo de si para que estes cresçam bem direcionados e aptos a agir bem em sociedade.

Virtudes como estas diferem um pouco da virtude contemplativa – que Aristóteles elege como a mais capaz de nos aproximar da felicidade porque teria em si algo divino – mas também são importantes, e podemos dizer que piorariam muito a vida humana se deixassem de existir.

Entretanto é sempre necessário afirmar que ninguém pode viver apenas de contemplação (ou do exercício de qualquer outra virtude) e Aristóteles trata disso no final da página 238, quando diz:

Mas o homem feliz, como homem que é, também necessita de prosperidade exterior, porquanto a nossa natureza não basta a si mesma para os fins da contemplação: nosso corpo também precisa de gozar saúde, de ser alimentado e cuidado. Não se pense, todavia, que o homem para ser feliz necessite de muitas ou de grandes coisas, só porque não pode ser supremamente feliz sem bens exteriores. A autossuficiência e a ação não implicam excesso, e podemos praticar atos nobres sem sermos donos da terra e do mar.

Portanto, a prática do bem, que certamente contribui para a felicidade, é uma coisa possível para praticamente todos os seres humanos porque para que o realizemos precisamos de muito pouco.

Estar em atividade, ter saúde, participar da moralidade e possuir alguns conhecimentos pode nos ajudar muito nisso, mas, mesmo aqueles que possuem problemas na vida, como uma escassez de “bens exteriores” como diz Aristóteles, podem fazer o bem porque sempre haverá para todos a possibilidade de agir a fim de tornar melhor a própria vida ou a das outras pessoas.

Entretanto, como já dissemos anteriormente, isso não faz com que sumam todos os “seres humanos maus” do mundo, e esse fato nos faz questionar uma coisa básica: se para todos os seres humanos fazer o bem é uma “necessidade” ou algo “importante” no decorrer da vida.

Aristóteles afirma na página 239 que algumas pessoas “pensam que nos tornamos bons por natureza, outros pelo hábito e outros ainda pelo ensino”, e certamente essas coisas têm alguma relação com o que seremos em vida, porque é inegável que muitos nascem com talentos de valor inestimável, como muitos atletas de sucesso, ou gênios da física, e a causa disso muitas vezes atribuímos à

natureza, dizemos que são “dádivas da natureza”; enquanto outros sofrem muito no começo das suas trajetórias até que enfim descobrem alguma área de atuação em que tenham uma “função” para si que os torne importantes na sociedade; e outros vivem outras vidas: como a acadêmica, que sempre terá entre os seus participantes os seres humanos dispostos ao estudo e a reflexão.

Mas questionemos também: é mais próximo da verdade supormos que todos encontrarão um lugar para si em que possam fazer o bem, ou que alguns, uma minoria, jamais encontrará esse lugar? Ou ainda: que os lugares em que possamos fazer o bem, ainda que existam, não satisfarão a todos?

É certo que no mundo em que vivemos muitos seres humanos possuem vidas que não desejam e que não lhes proporcionam a felicidade que sonhavam em ter, e muitos acabam por se resignar, por se conformar com o que conseguiram, para não perder a paz e se arriscar em novos caminhos sem ter certeza de onde levarão.

Por isso é certo que é necessário que tratemos sempre com maior seriedade a educação dos mais jovens porque, visto o que examinamos até aqui, a felicidade de todos também depende disso já que, através de uma educação apropriada e justa, os mais jovens terão mais chances de, ao crescer, encontrar um lugar na sociedade que os valorize e permita que realizem o bem.

Para isso sempre será necessário que os governos, em conjunto com os profissionais da educação e as famílias, tenham a atenção direcionada para a educação, e invistam sempre parte da sua energia e recursos em desenvolvê-la para que os mais novos cheguem à vida adulta com formações sempre melhores que as que tiveram os seus antepassados.

Até porque, uma vez que a ciência não para de se desenvolver, o conhecimento que chega às escolas não pode ficar estagnado: deve sempre estar disponível de forma mais clara, por professores mais bem municiados de tecnologia e com mais habilidades para passá-lo aos estudantes.

4) CONSIDERAÇÕES GERAIS

Pelo que vimos até aqui podemos afirmar que Aristóteles no livro *Ética a Nicômaco* construiu uma visão muito ampla do que é o ser humano e das atividades humanas.

Ainda que o tema central do texto seja a "Eudaimonia" ou a busca por uma vida feliz, tratamos de diversos assuntos que têm uma relação com isso como: a forma mais "justa" de se viver para alcançar tal fim, a melhor função para o ser humano enquanto parte de uma sociedade, e aquilo que é necessário que ele faça para que tanto ele quanto seus semelhantes tenham vidas melhores.

A respeito de tudo isso podemos também dizer que Aristóteles sempre fala das ações humanas de um ponto de vista "finalista": para ele o que mais importa é aonde elas levarão aquele que age.

E o que está no fim dessas ações, na boa vida, é o "bem supremo" que podemos ter.

Por isso ele chega a dizer em um trecho que os fins, quando são distintos das ações, são "por natureza mais excelentes que estas", tendo essas ações em conjunto o melhor fim: a felicidade.

Por exemplo: a finalidade de se alimentar bem, fazer exercícios e se relacionar bem com os outros é, portanto, mais excelente que essas próprias ações em si, porque essas ações, ainda que sejam boas em si mesmas, têm por finalidade nos manter saudáveis, e quase nada na vida vale mais que a saúde.

Talvez nem mesmo exista felicidade verdadeira sem saúde.

E a finalidade que para Aristóteles todos desejamos, além de todas as outras "finalidades possíveis" (ou seja: meios), é a felicidade ou "Eudaimonia": ele chega mesmo a afirmar que "tudo que escolhemos, escolhemo-lo com a mira em outra coisa".

Não podemos esquecer também que nessa busca pela verdadeira finalidade algumas coisas são mais importantes que outras: como as virtudes.

E Aristóteles é claro a respeito delas: agir em conformidade com elas e desenvolvê-las pode contribuir para que sejamos felizes, porque contribui, entre outras coisas, para que realizemos boas ações: porque fomos bons em matemática na infância poderemos ser bons engenheiros no futuro; porque fomos muito dedicados no nosso passado escolar poderemos nos tornar hábeis universitários e talvez professores nos assuntos que nos interessem mais.

E, uma vez que Aristóteles sempre fala de "finalidades", podemos também afirmar que as virtudes contribuem para que alcancemos o máximo do que há de melhor em nós, e ser o melhor de nós com certeza contribui para a nossa própria felicidade porque ter uma vida que concorda com aquilo que fazemos de melhor pode mesmo ser um ideal para todos: é justo que um talento do futebol se profissionalize e tenha uma carreira de atleta, assim como um gênio da matemática merece trabalhar com cálculo e possivelmente computação, porque são essas coisas o que essas pessoas fazem de melhor, nelas que conseguem contribuir mais para o bem delas próprias e dos outros.

Portanto afastar-se da felicidade, conforme esse raciocínio, tem relação com agir de forma não conforme às suas próprias qualidades (virtudes).

E um ensinamento que podemos tirar de Aristóteles, de grande importância ainda nos dias de hoje, é que é necessário que nos esforcemos para continuar capazes de identificar virtudes e desenvolvê-las nos mais jovens, porque isso contribuirá para uma melhoria contínua da sociedade, proporcionando maior felicidade para todas as pessoas.

Por isso acho correto afirmar que esse texto tem também uma relação com a educação, porque quando pensamos na formação, principalmente dos mais jovens, como crianças e adolescentes, certamente lembramos de casos de talentos (virtudes) que são identificáveis com maior facilidade, e que fazem os olhos dos professores brilharem, mas não podemos pensar somente nessas situações.

Em qualquer tempo haverá talentos, assim como haverá pessoas com maior dificuldade de aprendizado, e mesmo pessoas para as quais o "aprendizado esperado" seja quase impossível, e para essas pode ser muito difícil encontrar alguma qualidade em si que seja útil para a sociedade.

Por isso precisamos, não somente como professores, mas também como seres humanos mais experientes que somos, aguçar nossos olhares para os mais novos, desde as crianças até aqueles com mais idade, e tentar enxergar neles algo de virtuoso, ainda que a princípio pareça difícil.

Porque a virtude quando é descoberta e desenvolvida, como já dito, vai ser como a “fonte da felicidade”, e a felicidade é, para Aristóteles, aquilo que a humanidade mais deseja possuir.

E para isso com certeza a política praticada nas diferentes sociedades será determinante, e Aristóteles muito escreveu sobre essa “arte”.

5) CONTRIBUIÇÕES DAS INVESTIGAÇÕES ACIMA PARA O PROCESSO EDUCACIONAL

Nos dias de hoje, se direcionamos nossos olhares para a educação que é oferecida no nosso país, somos todos capazes de elaborar críticas, porque muito falta para que alcancemos o mesmo nível da educação praticada nos países mais desenvolvidos do mundo, principalmente se falamos com exclusividade da educação pública.

Mas não podemos negar que a educação evoluiu em alguns aspectos, e que por isso pode estar melhor que aquela dada às gerações passadas: como no amparo que recebe das tecnologias mais recentes, nas facilidades que têm pelo uso da *internet*, por contar com instalações que também evoluíram com o tempo e também por ter professores que se atualizam cada vez mais através das universidades que oferecem muitos cursos de sequência após a graduação.

Ainda assim, vemos até hoje muitas pessoas abandonarem as escolas por se sentirem “desconfortáveis” ou “alheias” ao seu ambiente; ou pessoas que frequentam por imposição dos pais ou da família, mas que nunca se sentem parte daquilo que se pratica nelas.

Muitas dessas pessoas reclamam que as escolas não ensinam coisas que “agradem” ou que vão ter alguma utilidade na vida adulta, como as leis da química ou a Fórmula de Bhaskara.

O problema então talvez esteja no currículo, e a solução possa ser adequá-lo à cada estudante: entretanto não é necessário que todos saibamos pelo menos o básico de cada área do conhecimento?

Será mesmo que não há ganho em aprender um pouquinho de Literatura, ainda que a nossa virtude esteja em aplicar conceitos da Física?

É difícil ter certeza a respeito da educação, e a política – ainda que sempre determinante nos rumos que essa área vai ter – nunca agrada a todos, porque muitos têm opiniões divergentes a respeito daquilo que a escola deve ensinar e da formação que devem ter os mais jovens.

Há governos que investem mais em educação técnica, enquanto outros em formação básica, e outros que investem grandes valores no ensino superior, e por isso tudo está sempre mudando, assim como aqueles que ocupam cargos políticos...

Por isso, o ensinamento que devemos guardar de Aristóteles é que é necessário identificarmos as virtudes dos mais jovens, sobretudo a maior delas, e nos esforçarmos ao máximo para ajudá-los a desenvolvê-las, porque elas poderão tornar esse jovem feliz, e também aqueles que o cercam.

E nessa busca pela virtude não podemos exigir somente dos professores, mas também dos familiares, dos amigos, e de todos aqueles com quem esses jovens convivem, porque nem sempre a virtude será descoberta na escola: e a experiência prova que há muitos casos assim.

Há muitos que são regulares ou maus alunos, e que se tornam seres humanos super valorizados na sociedade porque encontram virtude em alguma coisa que jamais foi cobrada deles no ambiente escolar.

Entretanto devo deixar claro que não nos incentivo a descartar a escola, ou tratá-la com desprezo, digo que devemos tê-la como mais um ambiente que está no mundo para nos favorecer, e tentar encontrar nela um “abrigo”, um lugar para nos desenvolver intelectual e socialmente; mas – caso jamais consigamos “alavancar”

nossas vidas através dela – não precisamos desistir da felicidade ou nos tornar pessoas ruins, pois ainda poderemos encontrar algo de bom em nós em outro lugar: não é certo que a escola será responsável por descobrir a nossa virtude.

E também precisamos ter acesso ao básico para poder desenvolver o que há em nós, em vez de deixar tudo sob a responsabilidade dos nossos professores ou das pessoas que vivem conosco: ter uma boa moradia, uma boa alimentação, segurança para ir e vir nas ruas, bons cuidados com a saúde, etc... Essas coisas também estão sob a influência da política e das gerações passadas, que governam os jovens de hoje e têm responsabilidade conosco.

Devemos estar sempre a cobrar por melhorias a respeito de tudo isso, porque também são coisas determinantes nas nossas vidas e na nossa busca coletiva pela felicidade humana pois, se vivemos em um mundo cada vez mais inseguro, em que nossas vidas têm cada vez menos amparo dos governos e das pessoas que deveriam lutar pelos nossos direitos, muito provavelmente estamos passando por um período em que a humanidade está piorando, pois é certo que conforme pioramos como seres humanos nossa relação com os outros também será pior: basta que observemos o comportamento das piores pessoas que conhecemos, como os criminosos reincidentes: muitos deles estão sempre procurando uma forma de encontrar novas vítimas para cometer crimes, e isso pode ter várias causas: podem ter sido formados de uma forma ruim, com más influências e sem alguém que os corrigisse, ou nunca conheceram outra forma de se viver, ou podem também ter perdido a fé que podem ter uma boa vida se forem pessoas melhores, etc.

Em todos esses casos faltou alguma coisa boa para essas pessoas quando elas ainda estavam iniciando a vida: uma educação melhor, uma família melhor, melhores amizades, melhores exemplos, mais segurança ao se locomover pelas ruas, etc.

Aristóteles também trata bastante do “prazer” a partir do livro X, e podemos dizer que esse é um tema controverso ainda hoje porque, ainda que não possamos negar que uma vida sem prazer é difícil de se viver, é difícil afirmar quanto prazer é adequado para cada ser humano: podemos pensar nos antigos ascetas que abdicavam dos prazeres do corpo e praticavam mortificações para se

aproximarem do “divino” e “superior”, como se vivenciar o prazer tivesse a finalidade de levá-los na outra direção: do “maligno” e “infernai”.

É certo que possuir prazeres contribui para uma vida com mais bem-estar, mas Aristóteles é claro que é importante saber medir a quantidade de prazeres que vivenciaremos, pois encontrar um “equilíbrio” pode evitar que nos viciemos, ao mesmo tempo que nos permite ter uma vida menos “dolorosa”.

Pensemos por exemplo numa criança que tem prazer em obter vantagens ilícitas através de furtos ou coisas semelhantes, e que segue agindo assim porque ninguém a corrige ou mostra que o que ela faz é errado: o que tendemos a crer que ela será quando se tornar adulta?

A respeito da educação dos mais jovens podemos dizer que é certo que causará dores em muitos momentos: há crianças que ainda não são capazes de compreender a importância de se aprender a contar ou a escrever corretamente, e o estudo para elas pode ser penoso, assim como será para alguém que erra seguidamente e não percebe a necessidade de mudar de comportamento (como no caso da criança que furta).

Nesses casos é certo que haverá a necessidade de educá-las compensando a dor do ensino com alguns prazeres, e assim, se tivermos sorte, em algum momento faremos que elas encontrem prazer também nos estudos, ou em agir corretamente.

E Aristóteles trata também da forma como os nossos prazeres podem variar com o tempo: na infância são alguns, como doces, brincadeiras, jogos, na adolescência outros, e na vida adulta também outros; e tudo isso obviamente é importante para definir que comportamento teremos e refletirá nas nossas ações, que são as coisas mais importantes na nossa busca pela felicidade.

É interessante também que muitas coisas que nos fazem bem podem não nos proporcionar prazeres, como respirar adequadamente, ter uma boa visão, etc. Enquanto coisas que nos fazem mal, como comidas que não são saudáveis ou bebidas alcoólicas, podem ser muito prazerosas.

A respeito do prazer também é importante guardar de Aristóteles que é muito provável que nas atividades em que mais nos aprofundaremos, e em que

provavelmente teremos virtude, o encontraremos: e esse é um dos motivos para nos desenvolvermos mais e mais nelas.

Por exemplo: um pintor virtuoso muito provavelmente tem muito prazer em pintar os seus quadros, assim como um grande jogador de xadrez muito provavelmente tem grande prazer em competir com outros jogadores, e isso faz com que ele siga evoluindo, conhecendo mais jogadas e mais formas de vencer o jogo e aprender com os erros que comete.

O prazer então contribui para que sigamos desenvolvendo a nossa virtude, e desfrutá-lo torna a vida melhor: o ideal então é que encontremos uma atividade útil para nós mesmos e a sociedade em que estejamos, pois assim alcançaremos a felicidade mais facilmente, e ajudaremos mais pessoas nessa mesma busca.

6) BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornhein. Coleção Os Pensadores. 4ª ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1991.

HARDIE, WILLIAM: *Aristotle's Ethical Theory*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1999

WOLF, URSULA – *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*, Edições Loyola, Mannheim, 2010